

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

CARLOS CARDOSO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória e história das comunidades de Manguinhos

Entrevistado – Carlos Cardoso (CC)

Entrevistadores -Tania Fernandes (TF), Renato Gama-Rosa (RG), Michele Soares (MS), Graziela Barros (GB) e Consuelo Guimarães (CG)

Data - 12/02/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 25min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CARDOSO, Carlos. *Carlos Cardoso. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 18p.

Data: 12/02/2004¹

Fita 1 - Lado A

TF – ... dia 12 de fevereiro de 2004, com o sr. Carlos Cardoso. Bem, sr. Carlos, nosso trabalho é... vem a estudar essas comunidades do entorno de... da Fundação Oswaldo Cruz. Nós queríamos que o senhor nos contasse a sua história desde que o senhor veio para cá, como é que era essa comunidade, como é que ela cresceu, enfim, (Inaudível)...

CC – Você não vai me perguntando? Vai me dizendo?

TF – O senhor vai falando e a gente vai perguntando. Desde o início, quando o senhor veio para cá...

CC – Não, eu nasci aqui.

TF – Sim. O seu pai veio para cá...

CC – Meu pai veio para cá, já trouxe o meu irmão. Aqui nasceu uma menina na minha frente, depois eu.

TF – Quando foi isso? Quando seu pai veio?

CC – Ah, meu pai... Meu irmão nasceu em 25, ele deve ter vindo para aqui em 26. Em 27 ela teve uma menina, em 28 ‘veio’ eu.

TF – E ele veio para cá trabalhar ou veio... (Inaudível)?

CC – Não, ele trabalhava na rua Visconde da Gávea, lá perto do quartel general, numa fábrica de vidros.

TF – Como vieram para cá? Como é que localizaram esse...?

CC – Agora que você me inventou. Eu acho que alguém o trouxe aqui. Ele conheceu um cidadão, que morava aí em frente, que era dono desse terreno, e trocaram uma idéia. Ele... Na firma ele conseguiu um dinheiro emprestado para ele comprar o terreno. Era um barraco, dizem que era um barraco aí atrás. Essa casa eu vi fazer, aquela lá não vi não, não me lembro.

TF – Essa casa é de quando?

¹ Registra-se a participação da esposa de Carlos Cardoso, não identificada nominalmente.

CC – Essa aí... eu já podia estar com os meus 13 anos, ou 12 anos, quando foi feita. Tô com 76.

TF – E como era a rua... (Inaudível)?

CC – Ah, a rua era de buraco, era vala, tudo que era ruim era aqui. Condução que a gente tinha era só o trem. Depois passou a ter um ônibus, ou então, ir pegar lá, do outro lado do rio, lá na Democráticos, o bonde.

TF – E o comércio aqui como é que era?

CC – Comércio fraquíssimo. Melhorou bastante, mas era fraco. Tinha um bar, esse botequim aqui, tinha um armazém ali na esquina, foi crescendo aos poucos, né? Aí, o dali passou lá para cima, fez aquele prédio onde tem um botequim, foi crescendo. Aqui era uma tristeza, muito capim, muito mosquito, tinha tudo. E casas, a maior parte aqui era tudo de português, que eu me lembre, né, aqui nessa rua, não...

TF – Mas por que é que era só de português, eles vinham, avisavam para... chamavam (Inaudível)?

CC – Não, aqui, essa rua, eu acho que eu não conheci um brasileiro, dono. Era tudo português. Desde ali do botequim para cá, até o fim da rua, era tudo português, e do outro lado a mesma coisa. Isso eu criança, né?

TF – E funcionários da Fiocruz tinha muitos?

CC – Olha, por aqui, que eu me lembre, aqui morou... aqui morou um, mas era do... do Rockefeller antigo.

TF – (Inaudível)?

CC – Onde é hoje aquele...

CG - ... o nome era (Inaudível)...

CC - ... aquele prédio que tem...

?? – *(falam ao mesmo tempo)*.

TF – Tá.

CC - ... virado para a Avenida Brasil. Tinha muita gente da... do... que eu sei, do... do Instituto Oswaldo Cruz, mas é naquele trecho lá da Rosa da Fonseca, por aqui eu não me lembro não.

TF – Rosa da Fonseca é mais perto da Fiocruz, aqui por essa (Inaudível)?

CC – É, que vai sair lá em cima. E o que mais que você quer? E vai direto.

RG – A senhora não quer passar, a senhora não quer passar?

?? – Hum?

RG – A senhora não quer passar?

?? – Não, (Inaudível) até meio-dia, está bom para mim.

RG – Ah, tá.

TF – Sim. Eu queria que o senhor falasse, contasse um pouco a história dessa...

CC – Mas...

TF - ... dessas pessoas vindo e dessa relação. E a construção da Avenida Brasil? O que o senhor presenciou dali?

CC – Não, eu presenciei não, eu era... eu já trabalhava quando ela começou. Eu trabalhava em frente onde é o prédio do... do Ministério da Saúde. Ali era... ali tinha uma oficina da Aeronáutica, Diretoria de Obras, ali era uma oficina da Aeronáutica. Eu tinha, mais ou menos, o quê? Uns 16 anos. Não tinha esse quartel da Aeronáutica, não tinha o quartel do...

TF - ... Exército.

CC - ... do Exército. A Escola Bahia já tinha na minha época, eu estudei lá. E mais o quê?

RG – E algumas outras companhias que vieram para cá, Light, ou então, o próprio Cristo... Abrigo Cristo Redentor...?

CC – Eu fui...

CG – Ah, é, fundador, né?

CC – Quando veio, vieram aqui para fazer o Abrigo Cristo Redentor, eu consegui ser escalado na hora para botar um tijolinho lá no buraco. Daí do...

RG – Pedra fundamental, né?

CC – Isso, na época do falecido Getúlio Vargas. Aqui era uma fazenda, onde é a igreja, uma fazenda de uma família. Isso aqui era tudo aberto aí nos fundos. Tiraram muita areia aí, mas eu não alcancei não.

TF – E o Abrigo, ele foi criado por quê? Qual foi a... Qual era a proposta do Abrigo?

CC – Não, proposta que...

?? – Crianças, né?

CC – Eram garotos que tinham... uns não tinham família, outros tinham família pobre. Aqui mora um rapaz, nessa rua, que ele esteve internado aí. Ele, hoje, ele mora aqui, nessa rua, tem um casal de filhos, mas veio da... ele veio de... Quando a gente sobe a Serra das Araras... Valença.

TF – De Valença?

CC – É, ele veio de Valença para aqui.

RG – Mas tinha um outro instituto aqui que era o Instituto... Instituto Getúlio Vargas...

CC – Não.

RG - ... onde tem uma igreja lá no Brasil.

CC – Não, esse era... Não, esse não era... Abrigo do Cristo Redentor.

?? – (Inaudível) Cristo Redentor.

CC – Então...

RG – (Inaudível)...

?? – Era aqui (Inaudível)...

CC – É esse que tem aqui nos fundos...

?? - ... crianças e tem o de idosos lá...

CC - ... e tem o de idosos...

?? - ... na Democráticos.

CC - ... na Democráticos, que ainda está lá.

?? – Que ainda está lá ainda.

TF – Esse da... dos idosos, ele, posteriormente, ele foi... foi doado, cedida uma parte para a construção de casas, não sei se foi invadido, que (Inaudível)...

CC – Não, mas isso é aqui atrás, não.

TF - ... comunidade agrícola, né?

CC – Não, não, mas não alcançava o Abrigo não. Essa favela que tem aqui não tinha nada... Era um terreno, porque o...

TF – Não era do Abrigo esse terreno?

CC – Não, na época não, onde é os fundos da 21 não.

RG – Ali perto do viaduto, ali (Inaudível)?

?? – Isso.

CC – É, é. Não era do Abrigo aquilo. O muro do Abrigo é na rampa, na... Pode olhar que ainda está lá o muro, ele não pegava aquilo tudo não. Agora, aqui, indústria teve, já, algumas indústrias pequenas, fecharam, abriram. Que eu me lembre...

RG – Ainda tem muitas casas antigas, né, da...

CC – Tem, tem, aqui tem, tem, essa aí do lado, essa aqui, aqui era casa de família. Todos esses ‘galpão’ morava português, todos eles, não tem um que não tinha.

TF – E o senhor acha que a construção da Brasil, da Leopoldo Bulhões mudou a estrutura para vir mais gente ou mais comércio, mais...?

CC – Não, aqui mudou muito, né, aqui mudou muito. Aqui, só nessa rua deve ter uns 28 galpões, a (Inaudível) está tudo alugado. É a rua que tem maior com essa aqui.

TF – Mas eram casas (Inaudível)?

?? – Eram.

CC – Tudo era casa, (Inaudível), tudo era casa. Aquele terreno... aquele galpão ali era de um senhor português, que trabalhava na fábrica de pregos Marvin, em Botafogo. A Marvin veio para aqui, para a Democráticos, ali do lado da Souza Cruz, que hoje é... pertence à Light. Ele veio morar aqui, de aluguel, com o meu pai, e depois ele conseguiu comprar aquele terreno que era baldio, e fez uma casa. De modo que que ele morreu, e as filhas venderam, e quem comprou derrubou e fez galpão. Aqui era uma família, também, ‘antiguíssima’ daqui, também foi a mesma coisa. Ali do lado tem uma escola de... de... segurança. Era de um português também. Aqui tudo era casa, não tinha galpão nenhum, nada, veio depois, muito depois.

?? – Agora está como zona industrial aqui, né?

TF – E de quem eram os terrenos?

CC – Ué, cada um era um dono! Aqui...

TF – Sim, mas era uma fazenda grande que foi arrendada (Inaudível)?

CC – Ah, isso aí, o princípio, eu não sei te dizer. Esse terreno aqui pertencia ao dono daquele onde tem o fixo. Esse daqui eu já não sei de quem era. Sei, quando eu vim ao mundo, que aqui morava um português, jardineiro. A seguir, outro português, jardineiro, a seguir, outro português, a seguir outro... era tudo português! A rua inteira era português. Depois, é que, com o tempo, é que foi, mas, ainda assim mesmo, é pouco brasileiro é o dono disso aqui. Eu sou porque meu pai deixou, né, eu e meu irmão, mas...

RG – Mas a escritura do terreno é... é 26, é isso, desse... dessa... desse (Inaudível)?

CC – Olha, eu não sei nem onde ‘está’ os documentos disso aí, e não faço questão nem de saber. Só eu e ele. Eu não vou vender, eu não vou vender. Aqui moram duas ‘sobrinha’, que é filha dele lá. A minha filha não mora aqui, a minha filha mora em Vaz Lobo. Vender, eu não vou. Já estou com a carreira mais ou menos encerrada, agora quem vai tomar conta, não sei. Aqui é a mesma coisa. Aqui vendeu.

TF – O senhor chegou a trabalhar na Fiocruz?

CC – Não.

TF – Nunca teve nenhuma proposta para...?

CC – Não, não. O meu sonho de criança eu realizei...

TF – Qual é?

CC - ... custou, mas eu realizei. Eu sonhava em ser mecânico de automóvel e consegui ser, tenho diploma, tenho tudo, não é? A gente, tudo é um sonho, né? Comecei numa firma de... material elétrico, junto a uma oficina de, na época, de construir rádios. Saí, entrei numa... numa... numa empresa aqui, na Rua Monsenhor Manuel Gomes. Saí, depois fui trabalhar com um cidadão que morava aqui. E aí apareceu o meu anjo da guarda que me levou para a Aeronáutica, como civil, e eu aprendi a profissão.

RG – (Inaudível) trabalhou muitos anos no próprio Aeroclube aqui (Inaudível)...

CC – Não, o Aeroclube era do lado da... da...

RG - ... (Inaudível) Obras?

CC - ... da Diretoria de Obras, que era o nome que tinha a oficina da Aeronáutica. Trabalhei aqui, mas por conta de lá, aqui, nesse... nessa... nesse coisa aqui da Aeronáutica, fiz muito serviço ali.

RG – Mas o senhor, então, era servidor público, ou não?

CC – Não, não, quando eu era da Aeronáutica, era. Mas aconteceu um acidente lá comigo e me mandaram embora. O resto eu não vou lhe contar, mas me mandaram embora.

TF – E qual é a relação desse trecho aqui com a Fiocruz, um trabalho com eles? Como é essa relação de... essa vizinhança?

CC – Eu conheci a Fiocruz, que era o Instituto Oswaldo Cruz, tudo descampado. A gente entrava lá, entrava no prédio quando era criança, e ninguém dizia nada. A gente entrava por um lado e saía pelo outro, ninguém falava nada. Não tinha muro, não tinha nada, era livre...

TF – Era o quintal de casa, né?

CC - ... era livre. A gente ia lá ver o peixe-elétrico e ver os bichos, e ver rato, e ver não sei o quê. Era tudo aberto. Tinha um campo de futebol, que era aqui dessa rua, era tudo aberto. Não tinha nada, nem esse prédio que tem ali era... não tinha muro, tinha nada. Indústria, aqui, grande, não teve nenhuma, pequena as indústrias.

TF – E o comércio, o comércio...?

CC – O comércio era fraquíssimo. Agora não vou dizer que está bom, mas melhorou alguma coisa. Eu só compro aqui pão, mais nada, tudo eu compro fora. Aqui, só uso a padaria, e assim, pouco. Hoje tem empresa de ônibus, tem lotação, tem tudo aqui. Isso aqui é ruim porque virou zona industrial, né? Isso aqui é um barulho que ninguém suporta. O que é que eu vou fazer, vou botar na rua? Sabe onde é a rua? Hoje até que não está muito tomada. Tem dia que tu chega aqui, tu não encontra uma vaga, e, se for possível, te botam um carro na porta da garagem, tu não entra, nem sai.

?? – Ah, só sai de noite o carro.

CC – E está crescendo cada vez mais, né? Era pequenininho aí. Compraram aquele, lá em cima, aquele galpão lá em cima, o último. Está lá um prédio bonito. E parece que vão pegar outro aí, não sei... na mesma rua. Me pergunta mais se quiser porque eu não lembro de te falar assim não (risos). Se não abrir a minha caixola, eu não...

TF – Não, era isso que nós queríamos saber mesmo, era só...

CC – Elogiar o lugar, eu elogio porque eu nasci aqui, e vou sair daqui quando eu morrer porque mudar daqui eu não mudo não.

RG – Uma coisa que eu reparei nas casas, porque eu sou arquiteto, né, tem um azulejo, em todas essas casinhas mais antigas tem um azulejo de algum santo, ou Santo Antônio...

CC – Olha um aí, olha um aí.

TF – É, mas aqueles azulejos lá na frente...

RG – Aqueles azulejos... Tem até, tem um até...

TF - ... (Inaudível).

RG - ... que tem uma paisagem...

CC - Meu amigo, se você...

RG- ... (Inaudível) típico dessas...

CC – Opa, pera... se você conhecesse esse terreno como eu conheci, esse terreno é igual ao que tem aí do lado. Já viu o daí do lado?

RG – Já, tem uma... (Inaudível).

CC – Então, ele era da... sabe... Olha, isso aí foi a 1ª privada ou... que o meu pai botou, quando veio a água, aí, porque para jogar o esgoto para a rua.

RG – É, porque é fundo, né?

CC – É. Se ele botasse desse lado a... não ia. Então, ele a... fez isso aqui e foi aterrando aos poucos, apanhando terra aí, que isso aí era abandonado antes de ser o Abrigo Cristo Redentor, e levou até essa altura. E eu vou morrer e vou deixar isso aí, quem quiser que tire, eu não tiro.

RG – A casinha.

CC – É. A minha casa mesmo é aquela, dada pelo meu pai. Eu vim para aqui porque a minha mãe...

RG – Mas a mais antiga é aqui, então, (Inaudível)?

CC – Essa... Não, aqui é uma casa só que ele dividiu em duas. Eram dois filhos, então, quando eu me casei, ele mandou... mandou fazer esse quarto aqui e eu fiquei morando ali. Aí pediu a casa a um dos inquilinos. Esse cidadão trabalhava...

TF - ... Rockefeller?

CC - ... lá no Rockefeller, que morava aí. Ele pediu um tempo para ele se organizar. Ele parece que comprou uma casa lá para Caxias, aí eu fui morar lá. Depois meu irmão casou, morou ali no quarto. Aí ele pediu a outra casa e ele ficou ali. Então, aquilo ficou assim: a de lá é minha, e essa aqui era dele, isso aqui era deles. Mas a minha mãe ficou viúva, e tomou um tombo entre o quarto e a sala, e quebrou o fêmur. Aí a família começou a me apertar

para aí..., porque ele já não morava aqui. Meu irmão saiu daqui para ir para lá quando ia fazer 50 anos de idade, ele mudou uns dias antes. E eu vim morar com a minha mãe. Abri uma porta, que aquilo ali era um quarto que a gente morava, e aí ficou 2 quartos e uma sala, e eu passei para aqui. Aí, a minha mãe, em vida, deu a casa pra eu... pra uma neta dela para morar ali, até melhorar a situação. E eles estão aí até hoje, com 14 anos, não pagam aluguel nem nada. E a de cá também, a filha dele...

?? - ... na mesma situação.

CC – Na mesma situação. Eles pagam aqui só: água e luz, nem IPTU a gente paga. Ainda acham ruim.

TF – Vocês não pagam IPTU?

?? – Não, que aqui é...

CC – Aqui, a maior parte...

TF – É a União?

?? – É.

CC – Não, é... Como é?

?? – (Inaudível).

CC - Negócio de favela.

TF – Então isso é recente, então?

CC – É.

?? – (Inaudível).

CC – Eu já não pago há uns 4 anos...

?? – É, uns 4 anos.

CC - ... que eu não pago, mas os outros, (Inaudível) vou dizer que ninguém paga aqui.

TF – O que é que você ia perguntar?

GB – Não, isso (Inaudível).

TF – Tá.

RG – Mas o senhor considera aqui favela?

CC – Eu não gosto nem que diga que isso aqui é morro!

?? – Muitas pessoas que moram aqui não diz que mora aqui não, diz que mora em Bonsucesso.

RG – Que aqui é conhecido como Morro do Amorim?

?? – É.

CC – Não.

?? – Aqui era Manguinhos.

CC – Não, não espera aí.

?? – Não, aqui é Carlos Chagas...

CC – Não, primeiro era Amorim, depois passou para Carlos Chagas, e depois passou para Manguinhos.

?? – Agora que estão com esse negócio de Amorim.

CC – Agora diz que a favela de lá não quer que aqui ‘seje’ Manguinhos. Então, eles estão chamando do 1º nome, que era o Amorim.

?? – Mas eu não... eu...

CC – Eu...

RG – O senhor sabe a origem da...

?? - ... sempre, qualquer coisa que eu assino, tudo é Manguinhos.

RG - ... que o Amorim era o dono de todas essas terras aqui...

CC – É, deve ter sido.

RG - ... (Inaudível) Amorim.

CC – É, deve ter sido, deve ter sido.

RG – Aí tinha aquela estação de trem do Amorim...

CC – Eu já viajei muito de trem.

RG - ... depois estação Carlos Chagas...

CC - ... Chagas, isso aí.

RG - ... e agora Manguinhos.

CC – Não, não...

TF – Essa mudança de nomes, que o senhor falou assim: “Eles falam assim”, quem são eles, quem (Inaudível)?

CC – É o povo, né, porque eu fui ter entendimento mesmo depois de uns 10 anos, (Inaudível), até então... Eu não me lembro de ver... de fazer essa casa! Não! Agora, essa eu me lembro.

RG – Mas o senhor chama como, aqui, o bairro, então?

CC – Para mim é Manguinhos.

?? – Para nós é Manguinhos, para nós (Inaudível)...

TF – Mas sempre foi Manguinhos?

CC – Todo o meu documento é Manguinhos.

?? – (Inaudível) nossos documentos é Manguinhos.

CC – Abri agora uma poupança: “O senhor mora onde?” “Moro em Manguinhos.” É Manguinhos!

?? – É Manguinhos. Lá no posto tudo é...

CC – Nos documentos vem Manguinhos!

?? – Nos documentos vem Manguinhos.

TF – E a denominação de Carlos Chagas, ela foi, mais ou menos, quando é que ela apareceu? O senhor lembra?

CC – Bom, eu conheci isso aqui em... Eu, com 13 para 14 anos, eu comecei a trabalhar. Já era Carlos Chagas. Antes eu...

TF – Antes era Amorim?

CC – Amorim. A gente saltava do trem do outro lado. Ali tinha uma ponte que era para seguir a Rua Uranos, e tinha um... Essa rua que tem hoje, ela não era aberta direto.

TF – Aí era Carlos Chagas, aí, depois, passou a ser... Depois quando, mais ou menos, que passou a ser Manguinhos?

CC – Ah, isso tem muito tempo!

?? – (Inaudível) muito tempo.

CC – Eu ainda era criança e escutava falar “Amorim”, “Amorim”. Depois é que veio o tal de Carlos Chagas.

TF – Sim, de Carlos Chagas para Manguinhos, o senhor tem idéia de ano de fundação?

CC – Ah, datas... datas eu não... não me preocupava muito. Eu não...

RG – O senhor lembra mais como Manguinhos...

CC – É, para mim, é... sempre é Manguinhos. Tudo que eu tenho em documento eu boto Manguinhos. E tenho orgulho de morar aqui, ainda tem outra, moro perto da cidade.

TF – E as pessoas no entorno também chamam de Manguinhos ou chamam...?

CC – Não, tem uns que não gostam.

?? – Alguns... alguns ‘fala’ que é Amorim, outros... diz que ‘mora’ no Amorim, outros ‘mora’ em Bonsucesso, e é assim.

CC – Tem gente que mora aqui e as cartas vêm como Bonsucesso, não vêm como Manguinhos. A minha não, a minha vem tudo é Manguinhos.

RG – Chega direitinho.

TF – Então, tá. Tá bom? Então, muito obrigada, o senhor (Inaudível)...

CC – Se você apertar o meu calo e eu saber responder, eu respondo (risos). Que pra falar aqui é ruim (risos).

TF – Acho que já apertamos o seu calo...

CC – Hein?

TF – Acho que já apertamos o seu calo.

CC – Não, a mim não, eu falei o que eu sei. Não vou mentir. Vou falar uma coisa que eu não sei? Não adianta. Eu, aqui, sabia, hoje eu não... ainda...

?? – Muita coisa, né? (Inaudível)...

CC – Eu sabia os... os proprietários daqui até o final da rua. Estou com 76 anos, mas ainda me lembro de muita gente.

RG – O senhor conhece o sr. Carlos de Carvalho, desculpa, José de Carvalho Filho?

CC – O Carvalho?

RG – É.

CC – Mas o Carvalho, lá, que tinha aquele negócio dos carros?

RG – É.

CC – O velho eu conhecia ele lá.

RG – Na Estrada de Manguinhos que eles moravam.

?? – Lá, lá em cima.

RG – É.

?? – José de... Não, ele, para lá, ele não tinha conhecimento para lá não, que... ele não subia lá para aqueles lados. Muita gente lá ele nem sabe que conhece, nem eu conheço.

CC – Eu não... Ó, tem... tem rapazinho aqui...

?? – Passa, ele cumprimenta...

CC - ... que está aí com 16, 17 anos, me cumprimenta e eu não sei quem é!

?? – É, é muito (Inaudível).

CC – Sabe há quantos anos eu estou aposentado? Eu jurei para mim e cumpri a minha palavra, eu parei com 50 anos de idade. Duvido que você me pegue na porta de um bar aqui. Até hoje eu não paro em botequim nenhum aqui. Eu dou, às vezes, três voltas aqui no bairro. “Vamos tomar uma cerveja.” “Eu não, eu tenho em casa, eu bebo em casa.” Agora eu não bebo não, né, mas já bebi muito mais. Aqui eu não fazia chacinha não, nem hoje eu faço.

?? – Mas muita gente ele nem conhece.

CC – Muita... muito do rapazinho que junta aí no meu portão com negócio de pipa. Falam comigo, eu não sei nem de quem ele é filho.

TF – Certo. Então, tá bom.

CC – E da Rosa da Fonseca para cima, eu acho que, às vezes, leva mais de 3, 4 anos que eu não subo aquilo.

?? – Ah, tem muito tempo que você não sobe lá em cima, não subir lá, muito tempo.

MS – O senhor conhece aquela chácara que tem, a chácara...?

?? – Onde? Lá na...?

RG – No final da Estrada de Manguinhos.

?? – Não, não conhece não. Ele não vai para lá, eu também não vou.

CC - Onde é o final da Estrada de Manguinhos? É aqui ou é do lado de lá?

MS – É no final da Rosa da Fonseca.

?? – Aqui em cima?

CC – Ih, então, lá eu... aqui...

?? – Aqui em cima?

CC – Lá, depois que botaram aquele muro, eu já fui até àquele buraco que tem ali.

?? – Muito tempo, muitos anos.

CC – Agora, no... lá em cima, eu, às vezes... Eu comecei a me tratar lá. De lá me mandaram para o Fundão, eu estou no Fundão até hoje.

?? – Eu, ele me trata...

CC – Eu... Há... há muitos anos eu não entrava aí...

?? – ... no posto (Inaudível)...

CC - ... eu achei isso aí uma cidade. Eu não conhecia o que tem hoje aí dentro. Subi lá umas 2 ou 3 vezes, de ônibus lá de dentro. E de carro, eu fui uma vez lá para apanhar um saco, lá, da... Chega? (risos) Se quiser, eu... se quiser apertar mais, (?) aperta.

TF – Sua senhora trabalha na Fiocruz?

CC – Não.

?? – Não, eu faço...

TF – No posto de Saúde, faz parte do...

?? – Eu faço parte da 3ª idade lá. Temos vários eventos lá, né, às 4ª e 5ª feira nós temos eventos lá, né? Temos é... palestra hoje, temos palestra agora, à uma hora. Depois tem trabalho de exercícios, temos artesanato, faço parte do coral, né? Tem muita coisa que... E às quartas-feiras nós temos uma dança (Inaudível), não é dança de salão não, sabe, é diferente, uma dança (Inaudível). Temos também Física, né, tem várias coisas lá, muito bom, bom mesmo. E me trato lá também, me trato lá. Temos passeio, a gente passeia, muito bom mesmo, gosto muito.

TF – Seus vizinhos?

?? – Ham? Não, mas os vizinhos aqui não...

TF – Não, os vizinhos... vizinhos Fundação, a Fundação são seus vizinhos.

?? – Ah, é, muito bom, temos muitas amigas, né, a gente... Ih, é uma delícia! A gente faz... conversa muito, faz muita coisa (Inaudível).

(deste ponto até o final iniciam-se conversas paralelas entre o sr. Carlos e Renato, e entre Tânia e a esposa do sr. Carlos)

CC – Conseguiram *(falam ao mesmo tempo)*... conseguiram falar com o meu irmão?

?? – Muito bom.

RG – *(Ele não quis?)*.

CC – Não, é?

?? -Temos... De vez em quando ‘vai’ pessoas lá também para filmar...

RG – *(falam ao mesmo tempo)* falou que não tem *(idade?)* mais para isso não. *(rindo)*

?? - ... (?) até que tem um até um *(falam ao mesmo tempo)*...

CC – É mais velho que eu dois anos.

?? - ... até te mostrar, uma senhora que mora lá em cima, na rua de cima...

CC – Se entregou de uma maneira!

?? – Não sei se você... deixe eu ver.

RG – “Ah, a mesma coisa que o meu irmão vai falar eu vou falar, então, conversa com ele.”

?? - *(falam ao mesmo tempo)* Tá vendo? Ela é que faz parte lá do nosso grupo.

CC – Ele morava aqui. Lá ficou vazio...

?? – *(falam ao mesmo tempo)* foram lá, *(falam ao mesmo tempo)* com ela...

TF – Pera deixa eu só...

CC - ... que um cunhado dele...

TF – Espera aí, espera aí. Deixe eu só desligar aqui.

CC – Pois não. *(interrupção na fita)*

*A Fita 1 não foi gravada integralmente (aproximadamente 24 minutos do Lado A)